



IRS

Descobrimos o Azerbaijão

Kamil IBRAHIMOV,
Doutor em História

**FORTALEZA DE
BAKU— A PÉROLA DA
HERANÇA CULTURAL
AZERBAIJANESA E
MUNDIAL**

O Azerbaijão é rico em monumentos valiosos da antiguidade – testemunhas da alta cultura, que existia nesta região desde tempos imemoriais. Um desses monumentos grandiosos é a parte mais antiga da capital do Azerbaijão, fortaleza de Baku, conhecida como “Icheri-sheher”, i.e. a cidade interna. É um museu a céu aberto com muralhas antigas, saturado pelos monumentos da cultura antiga e medieval.

Assim como outras cidades medievais, Baku teve uma estrutura de três andares – cidadela (palácio dos Shirvanshakhs), shakhristão (a cidade própria, i.e. Icheri-sheher) e rabad (bairro dos artesãos fora daquelas muralhas). **A partir do meio do século XIX, com o início da produção industrial do petróleo, começou a construção ativa da assim chamada “cidade externa”,** que obteve uma escala ainda maior depois da demolição das muralhas da linha externa. Gradualmente, Baku começou a obter uma imagem diferente, mais europeia.

Baku é uma das cidades e centros religiosos mais antigos do mundo. Esse fato é provado pelo raspador,

a faca e o sílex, que foram achados durante as escavações arqueológicas em torno da torre de Donzela, avaliados pelos especialistas como sendo da época mesolítica e neolítica (12000-8000 A.C.). O assentamento urbano de Baku começou a se formar em 1000 A.C.

Em 1898, durante os trabalhos de aterro da fundação da catedral de Alexandre Nevskiy, perto das muralhas à noroeste da fortaleza de Baku, um cemitério da época pré-islâmica foi descoberto. Foram descobertas algumas filas de enterramentos em forma de tendir (forno), e ao longo das paredes algumas sepulturas com esqueletos humanos.

Em 1945, durante as escavações arqueológicas chefiadas pelo V. N. Leviatov, na parte alta do palácio dos Shirvanshakhs, foi descoberto um jarro, igual aos jarros da cultura yaloylutepe, dos séculos III-I A.C. Os mesmos jarros foram descobertos em 2009, durante os trabalhos de aterro da fundação do hotel Four Seasons, no sudoeste da fortaleza. Além disso, em 1988, durante as obras de restauração na mesquita Maomé, foi descoberto o primeiro andar, com vasilhas antigas da faian-



ça, moedas, bico da flecha, lanças e outras armas de metal da época Achemenids.

Em 1964, durante as escavações arqueológicas perto de Torre da Donzela na profundidade de 2,2 m., foi descoberta uma estatueta de bronze de um peixe fantástico do século I A.C. A estatueta feminina de argila do I século, achada durante as obras de restauração em 1989, tem grande importância para o estudo da história da cultura material e imaterial do povo azerbaijanês.

A Baku medieval, com duas filas das muralhas, a torre de Donzela e outros edifícios de fortificação, apresentavam uma cidadela muito potente. Além disso, os edifícios urbanos, assim como nas outras cidades medievais, tinham função habitacional e também defensiva. **Situada no cruzamento das importantes rotas das caravanas, Baku manteve os laços estreitos de comércio com muitas cidades do Azerbaijão, além de outras.** Ainda nos anos 285-282 A.C, o chefe militar e navegador da Grécia Antiga, Patroclus, chegou de navio em Baku antiga e falou ele mesmo sobre os laços do mar Cáspio com o Oceano mundial.





As pesquisas sobre mudanças de nível do Cáspio no passado histórico, e também as peças descobertas na parte sudoeste do Icheri-sheher são muito importantes para datar a ida-da capital do Azerbaijão.

Desde a antiguidade, Baku era o centro importante de zoroastrismo – o geógrafo medieval árabe al-Istahri escreveu que pirólatrias moravam no entorno de Baku. Além disso, no Absheron, foram descobertas, há muito tempo, as ruínas dos santuários e altares de zoroastrismo. Não é por acaso que o grande escritor e pensador azerbaijanês,

Abbasqulu Bakikhanov, escreveu: *“Sem dúvida, pirolatria apareceu no território que nós conhecemos hoje como o Azerbaijão”*. Sabe-se, que, no zoroastrismo, a água e o fogo eram considerados como substâncias e objetos de adoração. O fogo foi considerado como a força que superava problemas e azares. Aliás, a adoração ao fogo como o elemento mais puro da natureza existia muito antes do zoroastrismo e até hoje, no Azerbaijão, costuma-se jurar de fogo, de luz, de lar.

A fortaleza de Baku– Icherisheher – é um monumento histórico e cultural de importância mundial. Icheri-sheher, junto com a torre de Donzela e o Palácio dos Shirvanshakhs, se tornou o primeiro sítio no Azerbaijão a ser classificado como Patrimônio Mundial pela UNESCO. Na fortaleza de Baku, existe um total de **3 monumentos arquitetônicos de importância mundial, 28 de importância nacional e mais de 600 de importância local, e também 8 objetos arqueológicos preservados. Aqui existem monumentos medievais, prédios dos séculos XVIII-XIX protegidos pelo Governo e que tem grande importância de ponto de vista da arquitetura.**

Entre eles, existem muitas casas de banho medievais, particularmente a casa de banho do Hadji Qayib, do século XV, perto de torre de Donzela, a casa de banho do Haji Mikayil do século XVI e a casa de banho do Qasim bey do século XVII, perto do portão Salyan. Precisa-se salientar que, em algumas casas de banho, ofereciam-se aos fregueses não só chá, mas também doces. As casas de banho funcionavam perto dos pontos da alfândega e das duas entradas principais da cidade– portões Salyan e Shamakha. Ao entrar na cidade, as caravanas primeiramente passavam pela alfândega, e depois era obrigatório tomarem banho, antes de terem permissão de se acomodarem na cidade. Os cascos de camelos machucados durante a longa viagem eram desinfetados pelo alcatrão - a pomada do petróleo. Esse fato mostra as regras rígidas sanitárias e higiênicas em Baku medieval.

O artifício mais importante de higiene da população do Baku era qilabi – argila especial de cor amarelo claro que era extraída no noroeste da península Absheron. Qilabi dissolvido na água era usado ao invés de sabão para lavar as roupas e tapetes, lavar os cabelos, e também para pintar as habitações. Qilabi era usado amplamente em Baku e nos seus entornos até o início do século XX.

Em Baku medieval do século XV, funcionavam zorkhanas – estabelecimentos especiais, onde se organizavam as competições dos atletas. Aqui era possível, por uma taxa definida, participar nessas competições e também levantar os pesos, ou simplesmente se treinar. Algumas competições se realizavam com acompanhamento de três instrumentos musicais orientais tradicio-



nais– *kamancha*, *zurna* e *naghara*. A maioria das obras musicais tocadas na zorkhana, hoje, foram esquecidas; só “*Janghi*” até hoje é interpretado durante as inaugurações das competições da luta livre. Existiam Zorkhanas em cada bairro, onde se treinavam atletas, que demonstravam a sua força durante as várias festas populares.

A velha Baku ficava na costa de baía de Baku, limitada a oeste pelas encostas abruptas de plateaus nus – parte sudeste das montanhas do Grande Cáucaso. Massas aéreas do norte, enfrentando montanhas do Grande Cáucaso, deram origem ao famoso vernto “*nord*” de Baku – *kha-zri* -, que levava nuvens de poeira e areia para a cidade. Na antiguidade, khazri às vezes soprava por mais de duas semanas, e, naquele período, a cidade inteira ficava coberta pelas trevas densas da poeira, o vento levava tudo que encontrava no caminho. O vento do sul– qilavar - trazia calor tanto no verão quanto no inverno.

As fontes medievais também dizem que, nos dias do khazri em Baku, não era possível sair de casa. O famoso viajante do final do século XIV – início XV Abdurrashid Bakuvi escreveu: “*A principal peculiaridade dessa cidade é que o vento sopra tanto de dia quanto de noite. Às vezes sopra muito forte, de jeito que fica impossível andar contra o vento. No inverno com esse vento, até os cavalos e ovelhas não conseguem ficar em um lugar, o vento dirige-os para o mar.*”

Desde os séculos medievais, Baku era conhecida pelos seus carrinhos de cavalo que eram usados para trazer à cidade água doce, sal e qilabi dos vilarejos de Absheron, e de volta traziam querosene e produtos do dia a dia. Gradualmente, com o crescimento da “cidade externa”,



i.e. Baku fora das muralhas de fortaleza, esses carrinhos saíram de uso. Falando sobre o costume da população de Baku de mudar-se no verão para casas de campo, o mesmo Bakuvi escrevia: “*Apesar da cidade ser muito ventosa, aqui tem em abundância figo, romã e uva. Têm poucas árvores na cidade, mas fora da cidade têm bons jardins. O povo da cidade, no verão, sai nos carrinhos para as casas de campo, moram lá algum tempo e depois voltam. Acontece assim a cada ano.*”. Nômades saíam para viagem de manhã e chegavam à casa



de campo só à noite, as mulheres e crianças ficando no carrinho com as coisas domésticas e os homens andando a cavalo.

No final do século XIX, apareceu no velho Baku, um tipo social muito interessante – *qochu*. Eram homens confidentes e arrogantes muito fortes, e que sabiam atirar muito bem. Eles eram contratados por pessoas ricas como guarda-costas, para protegê-los de kinto – bandidos georgianos, que sequestravam e roubavam as pessoas ricas de Baku, em geral. Qochu usavam bigodeiras, ternos tradicionais, pistolas e punhais e quando andavam na rua, os outros sempre os evitavam no caminho. Frequentemente, qochu tornaram-se atores principais nos conflitos entre os ricos, e nesse caso, as ruas de Baku enchiam pelo tiroteio. Logo depois, kinto, os quais a polícia ficou incapaz de combater, desapareceram de Baku e nunca mais voltaram.

Uma das características mais brilhantes da população de velho Baku– Icheri Sheher - era a hospitalidade. **Era de costume para o dono de casa oferecer abrigo e comida para qualquer pessoa, mesmo um desconhecido ou estrangeiro,**



*Visão panorâmica da capital Baku
com o Icherisheher no primeiro plano*





que chegasse por acaso às suas portas. Frequentemente, o hóspede era também convidado pelos parentes do dono da casa. Todos os membros da família sempre estavam prontos para receber e servir ao hóspede. Os hóspedes mais honoráveis eram recebidos a cavalo. As pessoas respeitáveis do bairro chegavam à casa do dono para encontrar com os

hóspedes dos países longínquos e convidavam-nos para ficar em suas casas. Se o hóspede estava em perigo, o dono se responsabilizava pela sua vida e caso precisasse, até designava uma guarda para ele. Quando o hóspede ia embora, toda a família unia-se para despedirem-se dele, e o dono da casa pedia-lhe para ficar mais e, para mostrar respeito, o acompanhava até que ele desa-

parecesse do horizonte. Cada casa tinha um quarto especial ou uma parte particular do quintal limpa e em ordem para os hóspedes. Se o hóspede chegasse a cavalo, levavam o cavalo dele para cavaliçã e o alimentavam. Era considerado indecente cansar o hóspede com perguntas sobre o objetivo da viagem e seus negócios. Serviam os hóspedes arrumando o quarto e a cama. Se o hóspede se apresentasse e informasse-os sobre o objetivo da visita, todos os membros da família tentavam ajudá-lo. As responsabilidades de receber, servir e acomodar os hóspedes eram distribuídas entre os membros da família.

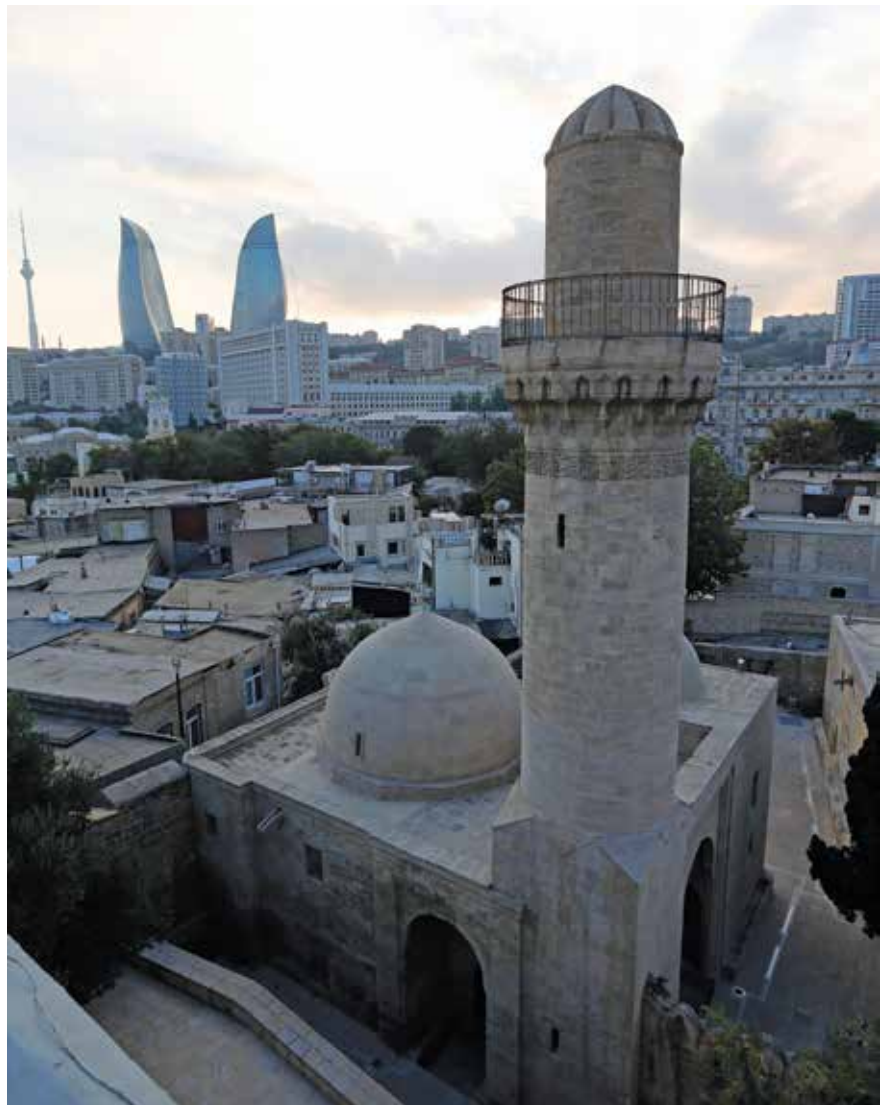
Costumavam assentar o hóspede num lugar de honra perto de onde sentavam os mais respeitáveis membros da família, os aksakals (literalmente se traduz de barba grisalha). Só tinham direito de participar na conversa os membros mais velhos da família. Em geral, não era de costume falar muito à mesa. Pondo



a mesa para os hóspedes, os donos prestavam muito atenção à diversidade e abundância dos pratos e serviços da mesa. Das bebidas, serviam *sherbet* e *ayran*, às vezes vinhos. Dos pratos principais, dominava comida de carne e arroz, sempre acompanhados de verduras. De sobremesa, serviam vários doces, geleias e também frutas.

A Baku medieval, limitada pelas muralhas acima mencionadas do lcheri-sheher, consistia, **na primeira fase da existência da cidade, de quatro, e, mais tarde, de nove bairros. Os bairros chamavam-se de mesquitas, localizadas perto** – bairro da mesquita da sexta, bairro da mesquita de shã, bairro da mesquita Haji Qeyib, mesquita Mammadyar, mesquita dos banhistas, mesquita da Siniq-qala, mesquita do Qasim-bey. Alguns bairros e conseqüentemente as mesquitas, tiveram nomes étnicos e artesanais. Assim, no bairro Gilak, moravam comerciantes do Gilan (Irã), no bairro Lezgi– artesãos - armeiros do Cáucaso do Norte. Existiam também os bairros dos Banhistas, Comerciantes de tecido, Gravadores. **A população da cidade era composta pelos representantes de várias famílias,** algumas com nomes estranhos, que se traduzem como “de calças brancas”, “que come galinhas”, “que não come galinhas”, “homens de sopa” etc., sendo que os membros de cada um brincavam com os nomes dos outros.

Em geral, **a população da cidade era composta pelos artesãos, comerciantes e marítimos.** As diferenças sociais se refletiam na arquitetura e nos trabalhos de construção da cidade. A camada mais alta da sociedade de bakunenses morava na assim chamada cidade-la, enquanto os pobres moravam



nos bairros mais simples, dentro das ruas estreitas e curvadas. Alguns bairros, ao serem povoados pelos representantes de uma camada da sociedade ao longo do desenvolvimento da cidade, se tornavam parte de um organismo econômico, onde funcionavam as lojas e oficinas de artesanato. A localização dos bairros dos artesãos dependia do caráter de produção: joalheiros localizavam-se perto do mercado, ferreiros, perto de portais da cidade, ceramistas e curtidores, nos subúrbios da cidade.

Era um costume popular entre os bakinenses ajudar os pobres. **Durante as férias islâmicas ou dias funerais, as pessoas ricas e até**

as pessoas de renda média, organizavam festas com comidas e bebidas para os pobres. Ponham mesas em casas e em frente das lojas dos comerciantes. Hoje em dia, entre os bakinenses indígenas, continua o costume de organizar “funerais de Ali”, no mês islâmico de Maharram.

Os pratos mais populares entre os moradores de Baku eram *pilaf*, *dushbara*, *arishta* (um tipo de talarim), *khamirashi*, *chudu*, *qutab*, e também *shakarbura*, *pakhlava*, *shor-qqal*. Para os convidados mais honoráveis cozinhava-se *dushbara* e *qutab*. O prato predileto dos moradores da velha Baku era *khashil*,



que se cozinha com farinha de trigo, manteiga, açúcar e também suco de açafrão ou gengibre amarelo. Essa comida, por ser muito pesada, era comida geralmente no inverno, com *doshab*. Além disso, *umach* – um tipo de talharim que se usava durante doenças, *quymak* – mingau doce de farinha com manteiga que cozi-

nhavam para as mulheres que estavam de pós-parto e para as crianças. Entre os pratos feitos de leite, eram muito populares o *pilaf de leite*, *mingau de leite*, *dovqa*, *firni*. Entre os pratos de carne, eram populares *khash*, ou *kallapacha*, que cozinhavam em Baku, de cabeça e cascos da ovelha, o *khash* de cascos de bovino que é

a invenção relativamente recente. Para um sabor picante, adicionavam ao *khash*, vinagre com alho. Nos dias feriados, costumavam cozinhar também *arishta*, que se chamava a comida de Bey (comida dos nobres).

Ultimamente, para propagandar a herança cultural, costumes e tradições do povo azerbaijanês periodicamente organizam atividades cultural-etnográficas “Meydan Bazary” (Feira de Praça) em frente ao Gosha Qala em “Icheri-sheher”. Nesta parte antiga de Baku, apresentavam-se os artesanatos tradicionais. Além disso, no monumento histórico famoso mundialmente “Torre de Donzela” organiza-se o festival das artes “*Qiz qalasi*”, que tem grande importância para a popularização deste incrível monumento.

Icheri-sheher – é o museu a céu aberto, e ao mesmo tempo é a cidade verdadeira, mais precisamente cidade em cidade, que fica à parte do resto de Baku, por causa das mu-



ralhas antigas, com os seus próprios moradores de mais 4000 pessoas, ou 1300 famílias. **Aqui funcionam 18 hotéis, museus, galerias, organizações culturais e científicas, mais de 100 objetos de comércio e restaurantes.** Os moradores de Icheri-sheher são moradores comuns da capital do Azerbaijão, mas ao mesmo tempo, têm algo diferente por um motivo bem simples – eles moram em uma atmosfera única, aura da fortaleza de Baku, entre os monumentos da antiguidade.

Ultimamente o Icheri-sheher está se transformando. O lugar se tornou um verdadeiro centro turístico moderno graças à pesquisa, restauração e preservação dos monumentos históricos chefiados pela Reserva Nacional do Estado. Vale destacar a mesquita do Maomé, a mesquita-escola, um conjunto religioso-arquitetural– colunata com torres em forma de seta, um conjunto do jardim antigo, a mesquita da China etc.

Recentemente durante as obras arqueológicas **no território da fortaleza de Baku, foram encontrados muitos poços, a maioria dos quais foram preservados e adaptados por motivos turísticos.** Junto com as obras de reconstrução e preservação, o Governo tomou medidas para transformar o Icheri-Sheher em um parque ecológico.

Durante as escavações arqueológicas curtas de 1960, e mais prolongadas a partir de 1961, foram descobertas três camadas culturais. **A primeira é do período desde a antiguidade até o século IX, a segunda, dos séculos IX-XIII e a terceira, dos séculos XIII-XVII.** Conforme as descobertas feitas durante os últimos 30 anos, e também as pesquisas da parte litoral do Icheri-Sheher, podemos afirmar que



a povoação mais antiga no território da cidade estava localizada entre a mesquita do Maomé e a Torre de Donzela, e também no território hoje coberto pelo mar.

Icheri-Sheher ainda tem muitos mistérios sobre a história do Azerbaijão e também muitos testemunhos da cultura material e imaterial do povo azerbaijanês. Os históricos e arqueólogos ainda têm muito a fazer. 🌟

Referências:

1. İçərişəhər (kitab-toplu). İstanbul, 2013.
2. Qədim Qalanın Yuxuları. Dubai, 2013.
3. Kamil Fərhadov. Bakı İçərişəhər. II cild, Bakı, 2006.
4. İsmizadə Ö.Ş., Ciddi H.Ə. Qız qalası yaxınlığında aşkar edilmiş abidə haqqında. AMM, VII c., Bakı, 1973.
5. Левиатов В.Н. Археологические раскопки 1945 года при дворце Ширваншахов в городе Баку. Изв.АН Азерб. ССР, № 1, 1948, № 1.
6. İbrahimov F.Ə. 1986-cı ildə İçərişəhərdə aparılan arxeoloji qazıntının hesabatı. AMEA

Arxeologiya və Etnoqrafiya İnstitutunun elmi arxivi, f.1, iş 1986/0-19.

7. İbrahimov F.Ə. İbrahimov K.F. Bakı İçərişəhər. I cild. Bakı, 2002.
8. İsmizadə Ö.Ş., Ciddi H.Ə. Bakı Qız qalası. Bakı, 1968.
9. Kamil Fərhadov. İçərişəhər Qoruğu ərazisində yeni aşkar olunmuş Bakının qədim dövr tarixinə aid maddi-mədəniyyət nümunələri. Bakı, 2007.
10. İbrahimov F.Ə. İçərişəhərin son tapıntıları, Elm və həyat jurnalı, № 10, 1985.
11. Левиатов В.Н. Археологические раскопки 1946 г. в крепостной части гор. Баку. Изв. АН Азерб ССР, № 4, Баку, 1948.
12. Babayev İ.A. Города Кавказской Албании IV в. до н.э. – III в. н.э. Баку, 1990.
13. Muradova F.M. Rüstəmov C.N. Aşağı Əskiparada Alban məbədi. Azərbaycan Arxeologiyası və Etnoqrafiyası. Bakı, 2005.
14. Культура Ялойлу-тапа в Закавказье. Сборник аспирантов. Том I, ГАИМК, Ленинград, 1929.